

# 70cráxis

## ***Despertar é preciso***

*Na primeira noite eles aproximam-se e colhem uma Flor no nosso jardim e não dizemos nada  
Na segunda noite, já não se escondem; pisam as flores, matam o nosso cão, e não dizemos nada  
Até que um dia o mais frágil deles entra sozinho em nossa casa, rouba-nos a alua e, conhecendo  
o nosso medo, arranca-nos a voz da garganta. E porque não dissemos nada, já não podemos dizer nada.  
VladimirMaiakóvsk*

## **TROPA DE CHOQUE DE SERRA REPRIME VIOLENTAMENTE ESTUDANTES E TRABALHADORES NA USP CONSTRUIR A GREVE ESTADUAL PARA DERROTAR SERRA**

O governo Serra realiza, de forma combinada, uma série de ataques aos funcionários públicos do Estado. Um claro exemplo do que estamos falando são os Projetos de Leis Complementares 19 e 20, estes são ataques diretos contra conquistas dos professores nos últimos 30 anos de luta. A greve dos funcionários, agora dos estudantes e professores também, representa um verdadeiro cerco tático para o funcionalismo e serviço público no Estado de São Paulo. Ou seja, se for vitoriosa poderá impulsionar outros processos de mobilização no estado de São Paulo. Existe, também, uma forte mobilização em curso nas outras universidades estaduais - na Unesp de Marília os estudantes estão em greve com ocupação das salas de aula e ontem o IFCH da Unicamp deflagrou greve.

### ***Serra transforma USP em praça de guerra***

Na tarde do dia 9 de junho, terça-feira, Serra/Suely deixaram claro, para quem tinha alguma dúvida, qual é a forma que irá tratar a greve



Unificada de todos os setores da USP.

Após a manifestação em frente ao portão central, contra a PM no interior da universidade, foi montada uma provação com o objetivo de reprimir a

crescente mobilização da comunidade acadêmica. A partir daí, estudantes e funcionários foram perseguidos e atacados com bombas e balas de borracha, estes acabaram se refugiando no prédio dos cursos de História, Geografia e Ciências Sociais. Houve feridos por cassetete, inclusive um fotógrafo da Folha de São Paulo, e pelas bombas de “efeito moral”. O diretor demitido do Sintusp (Brandão) ao ir a socorrer companheiros presos, também acabou sendo agredido e detido pelos policiais. A polícia sob as ordens de Serra/Suely montou uma verdadeira praça de guerra no inteiro da universidade.

Serra sabe que a livre organização e manifestação criam tempos e espaços propícios para que a comunidade acadêmica e o conjunto da sociedade captem quais são as reais intenções dos seus projetos e elaborem projetos alternativos, por isso vai insistir na tática de tentar aterrorizar o movimento, não é a toa que declarou que “A polícia não cometeu nenhum exagero e obedeceu a uma ordem judicial. A reitora pediu [reintegração de posse] e o juiz determinou que a PM entrasse para assegurar o livre ingresso e a saída da universidade”<sup>1</sup>

Após a vitória parcial da ocupação de 2007 o governo e a reitoria vem criando condições favoráveis através várias decisões políticas-administrativas, dentre elas a “legalização do uso

<sup>1</sup> Declaração de José Serra, após encontro com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil), sede provisória da Presidência da República..

da força policial” para resolver conflitos no interior da universidade. Isto porque Serra quer impor o fim da autonomia universitária e centralizar em seu gabinete as decisões fundamentais da universidade, aplicar um projeto de ensino que precarize diretamente o ensino em algumas áreas, particularmente nas humanas, através da Univesp e aprofunde a elitização em outras.

### ***Mais uma vez direção do DCE age de forma burocrática***

Após os ataques da tropa de choque, parte dos alunos se refugiou no interior do prédio da História e Geografia, parte tomou a avenida em frente aos prédios da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) para realizar uma assembléia/vigília e exigir a libertação dos presos políticos e discutir novos encaminhamentos.

Mesmo com a maioria dos estudantes a favor de realizar uma assembléia na avenida ocupada a direção do DCE após discussões no interior do prédio da história não encaminhou a vontade da maioria. Um membro de DCE simplesmente impediu que estudantes falassem ao microfone para encaminhar a proposta vitoriosa de realizar a assembléia na avenida.

A assembléia foi instalada e prontamente uma mesa de coordenação dos trabalhos foi eleita pela assembléia. Passados vários minutos do início da assembléia membros do DCE tentam uma manobra para estabelecer burocraticamente a direção da assembléia. Após um encaminhamento tumultuado a maioria dos estudantes repudiou a proposta que os membros da direção do DCE assumissem a mesa da assembléia.

Temos, aqui, mais um exemplo do *modus operandis* desta direção. É impressionante a regularidade da conduta burocrática desta corrente estudantil. Durante todo o processo nunca procurou desenvolver políticas que fossem pontes para impulsionar a mobilização dos estudantes, pelo contrário, se dedicaram a serem os porta-vozes do atraso e os dirigentes da vontade de não-lutar. Sem falar nos vazios políticos que levaram à fragmentação dos estudantes.

Houve assembléias em que impuseram o expediente do decurso de prazo impondo o fim da assembléia com uma série de questões importantes a serem discutidas e votadas. Agora neste episódio mais difícil até aqui desta jornada de luta

contra a reitoria tentam boicotar a assembléia soberana dos estudantes e como não conseguem querem tomar a força a direção da assembléia com uma manobra primária.

É necessário ter claro que os desafios postos neste momento demandam uma direção que reúna ao menos duas características fundamentais: capacidade de elaborar coletivamente estratégias e táticas que fortaleçam a luta para derrotar Serr/Suely e que se coloque seriamente a serviço da mais ampla democracia e da vontade soberana dos fóruns legítimos do movimento. Só assim poderemos manter a unidade necessária para enfrentar os embates que temos pela frente. Assim, os equívocos que apontamos ao longo deste texto devem ser superados para que burocratismo/sectarismo não comprometam os rumos da nossa luta que recém se (re) inicia.

### ***UM BREVE BALANÇO DESTES 35 DIAS DE LUTA NA USP***

Os acontecimentos que se seguiram a partir do dia 5 de março na Universidade de São Paulo (USP), data em que foi deflagrada a greve dos funcionários, por seu profundo significado merecem que façamos um rápido apanhado.

No dia 20 de maio foi realizada uma importante assembléia de estudantes, com mais de 300 companheiros, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo<sup>2</sup> (FAU). Apesar de uma parcela importante dos estudantes demonstrarem uma crescente disposição de luta, devido principalmente a intervenção claudicante da direção (Pstu, apoiado pelo Psol) do Diretório Central dos Estudantes (DCE), a Assembléia se limitou a votar por mais uma Assembléia na próxima semana.

Era possível votar uma proposta concreta de paralisação e outras atividades (atos, passeatas) em solidariedade aos funcionários, em greve há 5 dias, e pelos eixos comuns, tirados entre funcionários, professores e estudantes, e específicos dos estudantes.

As resoluções desta assembléia, pela política claramente antimobilização da direção do DCE, não apontaram para lugar algum. Este resultado tem dois responsáveis diretos, por um lado, o

<sup>2</sup> Que já vivia um processo de mobilização de estudantes e professores devido às intervenções no prédio – símbolo internacional arquitetura - sem nenhuma consulta à comunidade acadêmica.

PSTU, que dirige o DCE e que tinha maioria na assembleia. O problema é que predominou – e irá predominar em outros momentos - um calculo mesquinho, ligado a interesses estranhos aos da luta, fez com que os estudantes não saíssem armados com uma data de inicio da greve estudantil, bem como com um calendário de luta que possibilitasse aos estudantes da USP em conjunto com dos demais estudantes das estaduais paulista enfrentarem os ataques da reitoria e do governo Serra.

Por sua vez, um importante setor encabeçado pelo Movimento Negação da Negação (MNN) sustentou durante toda assembleia uma posição sectária, isto é, que a greve deveria ser votada naquele momento, sem demonstrar nenhuma preocupação com a sua preparação. Também nos chamou atenção a passividade dos companheiros de *A Plenos Pulmões* (LER-QI), sobretudo se levarmos em conta sua responsabilidade como co-direção do SINTUSP. Suas intervenções giraram em torno de questões gerais, se abstendo de uma luta direta para votarmos uma data concreta para o início da greve. Ante a passividade burocrática do PSTU e ao sectarismo do MNN, ao invés de proporem a greve a partir da próxima semana, se abstiveram na principal votação da assembleia que foi a de iniciar a greve ou não. Desta forma, foi aprovada nesta assembleia apenas mais uma assembleia para o dia 28 de maio e a participação no ato dos funcionários em frente a reitoria no dia 25 de maio.

***DCE da USP deixa vazio político, cria divisão entre estudantes e mantém política antimobilização***

Mediante a tendência crescente de mobilização e enfrentamento dos estudantes o vazio político deixado pela direção do DCE causou uma perigosa fragmentação do movimento frente aos enormes desafios colocados pela truculência de José Serra (governo do Estado de São Paulo pelo PSDB) e Suely Vilela (Reitoria da USP). Assim, diante da truculência da reitoria, que não permitiu a entrada de Brandão (líder sindical demitido por perseguição política) na negociação no dia 25 de maio e da ausência - inclusive física - da direção do DCE, um setor dos estudantes que participaram do Ato ao não ter uma única orientação para lutar realizaram uma ocupação parcial da reitoria.

A ausência política da direção do DCE, e de outros setores que têm responsabilidade efetiva

na direção do movimento e a política sectária (MNN e outros) levaram os estudantes à divisão frente a esta ação. Para coroar a sua ação antimobilização, a direção do DCE se ausentou politicamente da cena e logo após a ocupação da reitoria e da divisão notória entre os estudantes apreço e convoca uma plenária para “organizar” os estudantes em uma plenária que acabou votando pela retirada das dependências da reitoria.

A assembleia do dia 28 de maio a direção do DCE não mudou de postura política e continuou com a tática de adiar o movimento grevista dos estudantes. Agora a proposta da direção do DCE (Pstu apoiado pelo Psol) era a de um “indicativo de greve para discutir nos cursos”, ou seja, mais uma vez apostaram nas tendências contrárias à luta. Outros setores (MNN e CIA) propunham a “greve imediata com radicalização” e a Lerq “greve a partir do dia 4 de abril”.

A formulação a nosso ver, que captava melhor a dinâmica ascendente da mobilização era a da “greve imediata” tendo claro que a dinâmica e as necessidades do movimento são os que definem melhor as táticas a serem adotadas no decorrer da luta. A assembleia votou pelo indicativo de greve.

A partir daí a direção do DCE apresentou uma proposta escandalosa, a de fazer a próxima assembleia apenas no dia 10 de junho, véspera de feriado e do Congresso Nacional dos Estudantes. Esta proposta se passasse colocaria o movimento na geladeira durante duas semanas, sendo que os enfrentamentos com a reitoria já indicavam uma radicalização do processo. Felizmente essa proposta foi derrotada e a próxima assembleia foi marcada para o dia 4 de junho.

***Mediante a repressão policial contra a liberdade de organização dos trabalhadores da USP estudantes votam pela greve***

No dia 1 de junho, a “força tática” da polícia militar do Estado de São Paulo, sob as ordens da reitoria e do governo Serra, atentou contra o direito democrático de livre organização sindical dos funcionários da USP, dispersando os grevistas que realizavam o piquete (método histórico, democrático e legítimo de efetivação da vontade da maioria dos trabalhadores em luta) em frente à Reitoria. Este fato é a gota d’água! A greve dos funcionários, que articula uma série de reivindicações decisivas para a manutenção do caráter público e

democrático da USP, tais como, a liberdade de organização sindical e estudantil (violentada pela demissão de Brandão e pela enxurrada de processos e indiciamentos de estudantes e funcionários), mais verbas para a educação, manutenção dos postos de trabalho, qualidade de ensino (hoje sintetizada na luta contra a instituição da Universidade Virtual), deve ser coberta de solidariedade pelos estudantes e professores.

A assembléia do dia 4 de junho já se deu em um patamar totalmente distinto de mobilização, pois a ação da tropa de choque sob as ordens da reitoria fez o pêndulo se voltar para a proposta de

greve. Infelizmente devido a votação de encaminhamento das discussões de ir direto para as defesas de propostas se perdeu uma grande oportunidade de fazer um grande exercício de avaliação da situação geral da luta na USP. Mas, de qualquer forma, a assembléia foi fundamental, pois acabou votando pela greve dos estudantes, o que coloca em outro patamar a mobilização pela derrubada da reitora, pelas eleições diretas, pelo fim da Univesp, pela reincorporação de Brandão e pelo atendimento a todas as pautas econômicas dos funcionários.

### ***Um programa claro de mobilização***

Em primeiro lugar, essa luta tem uma reivindicação de fundo político e não meramente econômico. A evolução da luta e a postura que vem tomando Suely Vilela como testa de ferro de José Serra na repressão ao movimento na USP coloca como eixo articulador da atual luta unificada a consigna de FORA SUELY E ELEIÇÃO DIRETA para Reitor e todos CARGOS DE DIREÇÃO na USP. Não podemos nos perder em um emaranhado de consignas sem hierarquia e articulação interna claras, o que dilui o verdadeiro conteúdo da luta em curso. Quebrar o processo de caça às bruxas desenvolvido pela Reitoria contra os principais ativistas sindicais e estudantis, que nesse momento se concretiza NA IMEDIATA READMISSÃO DO COMPANHEIRO BRANDÃO e no FIM DE TODOS PROCESSOS em razão das lutas que ocorreram na USP. Dessa forma, quebraremos com a tentativa da Reitoria e do Governo Serra de enquadrar os movimentos. Aqui também entra a reivindicação democrática de DEFESA E AUTONOMIA DOS ESPAÇOS ESTUDANTIS, que têm sido sistematicamente atacados pela reitoria e os diretores das faculdades.

Outro ponto em comum entre todos os setores em luta é o NÃO À UNIVESP e FIM DO VESTIBULAR. Esta proposta de universidade a distância, ao contrário do que afirma a propaganda governista, só vem para aprofundar o caráter elitista da USP. A USP deve abrir suas portas para milhares de trabalhadores, possibilidade que a atual estrutura da Universidade e sua respectiva elitização impede os setores populares de entrarem. LUTAR CONTRA O ARROCHO SALARIAL a que estão submetidos os trabalhadores da USP. Nesse aspecto os trabalhadores da USP têm os mesmos problemas de todos os trabalhadores do país submetidos à política de ajustes econômicos (arrocho e demissões) levada a cabo pelos governos capitalistas como o de Lula.



***Contatos: grupo.praxis@yahoo.com.br***